



Olhares distintos sobre Londrina a partir dos contos e crônicas de João Antônio

Different Looks on Londrina Departing from João Antônio's Short Stories and Chronicles

Eduardo Luiz Baccarin-Costa

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná / Brasil

eduardobaccarin@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0459-0864>

Resumo: Nos quase cem dias que viveu em Londrina, João Antônio produziu contos e crônicas, que nos ajudam a entender melhor a história da cidade. Sua colaboração no jornal *Panorama* trouxe à tona uma Londrina bem diferente daquela que passava pelos olhos de seus cidadãos. Diferente do olhar dos narradores das obras do londrinense Domingos Pellegrini, João Antônio pintou um retrato nu e cru da cidade, de seus personagens e principalmente dos seus malandros e da prostituição, que acabou se tornando tão importante quanto o café na sua colonização. Flanando por Londrina, João conheceu e apreendeu significados dos desvalores e do pseudomoralismo da nossa classe “mórdia”. O presente artigo, com viés ensaístico, pretende mostrar olhares diferenciados sobre a Capital do Café, especialmente entre os anos de 1950 e 1970.

Palavras-chave: João Antônio. Domingos Pellegrini. Crônica. Conto. Londrina.

Abstract: In the nearly one hundred days in which he lived in Londrina, João Antônio produced short stories and chronicles that enable us to better understand the city's history. His collaboration with jornal *Panorama* shed light on a very different Londrina from the one seen in the eyes of its citizens. Differently from the views of the narrators in the works of the Londrina-born Domingos Pellegrini, João Antônio painted a bare and raw portrait of the city, its characters and especially its rogues and its prostitution that ended up becoming as important as coffee in its in years of settlement. Wandering aimlessly around Londrina, João learned and comprehended the meanings of the lack of values and pseudo-moralism of our “shitty/middle” class. This essay-leaning article aims to show different viewpoints on the Coffee Capital, especially between the years 1950-1970.

Keywords: João Antônio. Domingos Pellegrini. Chronicle. Short Story. Londrina

O ano de 1975 não foi fácil para Londrina. Num momento em que o discurso oficial propagava um crescimento inédito para o país, a economia da cidade foi duramente golpeada com a maior geadada da sua história. O evento climático dizimou dezenas de milhares de pés de café, a principal riqueza londrinense, não por acaso alcunhada de Capital Mundial do Café. Nas páginas policiais dos jornais, os londrinenses chocados acompanhavam o caso dos três jovens de classe média alta, acusados de cometerem estupro e bárbaros assassinatos. Entre os veículos de comunicação que registraram os dois fatos, acima mencionados, estava o jornal *Panorama*, um empreendimento do ex-governador Paulo Pimentel, que buscava oferecer outra fonte de informação além da *Folha de Londrina*, o mais tradicional jornal da região.

O jornal *Panorama* teve vida curta, ainda que marcado por uma linha editorial diferenciada e com bastante espaço para a cultura. Vinte meses, para ser exato. Entre os jornalistas que mergulharam na aventura patrocinada por Pimentel estava um jovem senhor, de meia-idade, autor de apenas um livro publicado e de alguns prêmios nacionais como contista: João Antônio.

O autor de *Malagueta*, *Perus*, e *Bacanaço* viveu em Londrina por somente três meses, ainda que seu contrato inicial com o *Panorama* previsse uma estada de, no mínimo, um ano. Engana-se, porém, quem imagina que João Antônio aceitou prontamente fazer parte da equipe do jornal como um desafio profissional. Deixar o eixo Rio-São Paulo era dar muitos passos atrás na sua carreira de jornalista e escritor, uma vez que estava completamente identificado com o Rio de Janeiro, cidade que adotara para viver desde o começo dos anos 1970, e preso às suas origens da periferia paulistana. Era difícil vir para uma cidade muito menor que essas duas capitais, com um movimento cultural insignificante e incipiente. Foi vencido pela quantidade de amigos que mergulharam no convite do grupo Paulo Pimentel. No seu artigo “Londrina de João Antônio”, publicado no jornal *Panorama*, em 9 de março de 1975, o autor descreve essas sensações e como cedeu à proposta:

Não, Londrina não. Fazer um novo jornal com aquela gente reunida em Londrina, não. Falassem Recife, Salvador, Estado do Rio, vá lá. Seria um jato de demência média, devagar. Compreensível ou considerável, batendo em cheio, de chapa, com a natureza e a coragem dos homens que estavam metidos na empreitada. (...) De comum tem sido necessário destrambelhar, extrapolar. Quando se pretende fazer alguma coisa ou existir. Gente assim: Miltainho, Narciso Kalili, Amiltinho de Almeida, ganham uma estranha capacidade de manobra. (...) Por um lado, obrigada a um corpo-a-corpo com a vida, como o que o capeta amassou com o rabo. E pode, nessas e outras enfiadas, enviar por perspectivas novas, forçar aberturas, buscar lances e

acabar fazendo um o Bondinho e um Ex. Compensação que vale o risco. Entendido. (...) (ANTÔNIO, 1975, p. 22).

Na cidade, João Antônio percebeu o quanto os malandros – personagens que habitam suas obras com frequência – foram decisivos para o progresso de Londrina, assim como a prostituição. Londrina, graças ao “ouro verde”, atraiu gente dos mais diferentes matizes. O dinheiro era abundante e fez a riqueza de muita gente. Logo, trouxe também cafetinas, rufiões e malandros que exploravam prostitutas e comerciantes para vender uma Londrina que misturava a imagem de um éden a Sodoma ou Gomorra (cidades bíblicas referência de devassidão e luxúria). Em Londrina, João Antônio apreendeu, como poucos, alguns aspectos da cultura e da formação do povo londrinense. Isso rendeu alguns textos saborosos em que se misturam crítica, ironia, sarcasmo, mas sempre com um toque de humor.

Londrina foi o berço do personagem Jacarandá, cujo perfil é exatamente o do malandro que procura transitar entre duas das maiores riquezas da cidade: o café e a prostituição. Num segundo momento, o malandro será também chamado de poeta, numa alusão de quão deslocada estava a arte e a cultura na terra do café, mesmo sendo uma importante voz de resistência. Jacarandá, de certa forma, é esse ser deslocado no mundo, mas resistente. No conto “Milagre Chué”, em que o personagem é apresentado ao leitor, João Antônio descreve Jacarandá e Londrina assim:

E só acordou debaixo de sacudidelas, em Londrina, norte do Paraná.
— É o fim da linha, companheiro. Acabou o conforto!

O coisada esfregou os olhos e deu com a cidade de terra roxa, forte, se impregnando em tudo, nos seus andrajos, no seu sapato molambento de saltos comidos, na sua barba de uma semana, no seu miserê e nos seus sonhos. Lembrou-se, esperançado, que aquela cidade era um Eldorado. Dinheiro gordo rodava à grande e solto, fácil, fazendo-se ali fortunas do dia para a noite. Catara, de ouvido, em suas andanças. A luz da esperança lhe brilhou.

Espreguiçando os olhos sonados, batendo o pé vermelhão da roupa, o pinta agradeceu não estar numa cidade grande, decadente, madrasta, difícil. Fantasizou umas grandezas na cabeça, sorriu meio cínico para si mesmo, foi à vida. (ANTÔNIO, 2012, p. 249)

O personagem Jacarandá aparece em outros contos e crônicas, também, publicados no jornal *Panorama* e que, depois, fizeram parte do livro *Abraçado ao meu rancor*, um dos últimos de João Antônio. Por meio de Jacarandá, João Antônio exercita seu espírito flâneur, transitando por ruas que remetem às da periferia de Londrina. Em outros textos como “Os anos

loucos de Londrina”, é o próprio autor que flana por variadas regiões do município, trazendo pessoas conhecidas e desconhecidas que construíram a cidade em torno do café, da malandragem e da prostituição, mesmo com o presente real e o presente narrado da enunciação sendo distintos: o primeiro é a década de 1970, o segundo, 1950.

A figura do flâneur na literatura surge em 1830, no limiar do romantismo e início do simbolismo francês, em algumas obras de Charles Baudelaire. Porém, ganhará um status diferenciado, a partir dos anos 1920, com os estudos de Walter Benjamin e como condição para o espírito criador do romance surrealista. A figura do flâneur é aquela que vagueia e fotografa com o olhar e a memória a cidade, trazendo-a viva em seus detalhes, sejam eles agradáveis ou não, assim como as citações e o discurso transitam num texto, dando-lhe novos e diferentes olhares. Para Benjamin, é exatamente essa capacidade de registrar o não comum, o inusual que faz do flâneur uma figura sociológica e política no sentido mais amplo do termo.

O espírito de flâneur de João Antônio, assim como em vários contos sobre São Paulo, também passou por Londrina. Com este espírito, o senso de observação e a capacidade de captar detalhes da vida e da história, a partir do seu olhar sobre o pulsar das ruas, são bastante apurados. Nos seus contos e crônicas, é recorrente a menção às artérias do centro da cidade, especialmente aquelas “pra baixo da linha do trem” onde proliferavam malandros, prostitutas e mesas de sinuca. Nessa região também fica o Estádio Vitorino Gonçalves Dias, onde o Londrina Esporte Clube, time da cidade, manda seus jogos “menores”, mas que, até os anos 1970, era o reduto do Tubarão. O estádio também foi palco, por quarenta e cinco minutos, do futebol de Pelé. Naquele gramado, Jacarandá atua como árbitro de futebol:

A multidão ferve e grita. E o xinga de vagabundo a homossexual, ladrão e negro. Passando, naturalmente, por bunda-mole, imbecil, safado, arrombado, tratante, comprado e vendido. (...)

Metido no uniforme preto, certinho, brilhante, mangas compridas, o poeta do momento sua no pescoço, nuca, carapinha, sovaco, nas partes, nos nove buracos e nos quatro cantos do corpo. (...)

Jacarandá sopra o apito, os jogadores se colocam e o jogo começa. Cinco minutos, não mais, o público do Vitorino dá trégua ao herói, se voltando contra uma bandeirinha a quem atribui novas qualidades infamantes. Sexuais, na maioria. (...) Dissimularia. Escalado para apitar aquele jogo, conhecendo na pele a rixa Londrina-Curitiba, Jacarandá Camaleão acreditava – a princípio – na sua picardia e capacidade de manobra, (...) Acontece que em Londrina até os ventos são quentes. Inda mais, o povo-povo não lhe perdoava a cor. Mulato, o poeta tinha

pela frente noventa minutos de taxações violentas. Inda mais. Era encontro do Londrina contra a equipe forte da capital e o herói tentava compor com os dois lados, politicamente. Uma vela para Deus, uma vela para o capeta; uma vela para Deus, vela para o capeta; uma vela para Deus, uma vela para o capeta... (ANTÔNIO, 1975, p. 13)

Jacarandá é um excluído, um sonhador, um trabalhador braçal a quem a “fada da fortuna do café” não sorriu. Jacarandá é o porta-voz de um mundo que Londrina teimava esconder, o de uma pobreza sistêmica e oprimida por uma classe “médria” que se dá bem com o dinheiro do café e da cafetinagem. Renata Ribeiro de Moraes (2005, p. 176) vai mais além e diz que “Jacarandá é aquele que não tem possibilidade de melhoras porque nem possui uma casa para morar; ou aquele que por ser negro é motivo de esculhambação”.

Vivi quase toda a minha vida em Londrina, e ao ler a cidade pelos olhos de João Antônio, confesso que mergulhei num passado e pude visitar a minha própria história nesta terra vermelha cheia de tantos antagonismos que Jacarandá sente na pele. Mesmo em “Os anos loucos de Londrina”, no qual é evocada a cidade dos anos 1950, é impossível não ver a cidade na qual vivi com intensidade minha adolescência e juventude duas décadas depois.

Quando li, no conto publicado originalmente no *Panorama*, trechos como: “Um fazendeiro freta um avião da Varig, de Londrina para Porto Alegre, levando um amigo e uma mulher e ali ficam, à larga, gastando e vivendo. Por dez dias. Diana, Laura, Esperança, Dagmar, Cidica são as casas alegres mais ricas e famosas dentro e principalmente fora de Londrina” (ANTÔNIO, 2012 p. 66), não pude deixar de visualizar a zona do meretrício que proliferava para baixo da linha do trem, onde flanei sozinho e com poetas e amigos boêmios no final dos anos 1970. A própria referência à divisão da cidade, por estrato social, a partir da linha férrea também aparece em “Os anos loucos de Londrina”: “A cidade estava dividida em duas, a de baixo e a de cima, a que fica antes e a que fica depois dos trilhos dos trens, a zona e a família, a devassa e a bem comportada” (ANTÔNIO, 2012, p. 62).

Quando descreve, no mesmo texto, o centro da cidade, João Antônio esmiúça o quadrilátero central, especialmente o trecho entre as ruas Mato Grosso, Rio de Janeiro, Maranhão e a Avenida São Paulo, sentindo-se em casa. Explico: nessa região, próxima à rodoviária da cidade, proliferavam bares com mesas de sinuca e era um dos pontos preferidos pelas meretrizes de rua na parte “de cima da linha”.

Nessa mesma região, nos anos descritos por João Antônio em seus contos, havia a pensão Alto Paraná e o salão do “seo” Domingos. Nesses dois ambientes, o menino Domingos Pellegrini, filho do proprietário da

barbearia, ouvia histórias que mais tarde seriam contadas e premiadas na literatura brasileira. Narrativas como *Terra vermelha*, *O homem vermelho*, *Negócios de família* tiveram enredos, paisagens e personagens inspirados nas histórias ouvidas nesses lugares. Foi, talvez, a primeira vez que Londrina e o norte do Paraná foram cenários para vivências literárias.

Assim como João Antônio, Pellegrini mostra como o café trouxe riqueza, e, ao mesmo tempo, malandros e prostitutas. O romance *Terra vermelha*, lançado em 1998 e finalista do Prêmio Jabuti em 1999, ao contar a história de um casal de migrantes, mostra a Londrina dos anos 1940 aos anos 1960. Muito da cidade descrita por Pellegrini corresponde à Londrina de João Antônio. *Negócios de Família* conta a verdadeira saga de uma família para buscar um corpo no Mato Grosso e trazê-lo para Londrina em um Jeep. A terra vermelha de Londrina e suas figuras pitorescas saltam a cada capítulo do romance.

Mesmo em contos, Pellegrini mostra uma cidade bem similar à narrada por João Antônio. Em “Duas Cervejas”, conto incluído no livro *Paixões*, de 1983, dois ex-militantes da resistência à Ditadura encontram-se em um bar, numa tarde de chuva. Mesmo sem se referir exatamente à Londrina, não há como não enxergar, no ambiente do conto, o cruzamento entre a rua Borba Gato e a Avenida Bandeirantes, local onde ficava o Bar do Tio Mário, reduto étílico de jornalistas, produtores culturais e militantes de partidos de esquerda. Pellegrini era um desses frequentadores, e o estabelecimento era na esquina da rua onde nasci e vivi minha infância e pré-adolescência.

Em “Crime e Perdão”, conto que abre o mesmo livro, o ambiente lembra muito os corredores de escolas como o Colégio Vicente Rijo e Marcelino Champagnat. Este estabelecimento de ensino está abaixo da linha de trem, e fica no trecho em que João Antônio tanto descreve como região onde a sinuca, o sexo pago e a malandragem florescem à margem do dinheiro que o café dava a uma classe privilegiada da cidade.

Em *Meninos e meninas*, publicação de 1998, Pellegrini, no conto “Terraço”, narra uma conversa entre pai e filho. No terraço do prédio onde moram, começam a observar a cidade e o narrador revela como a prosperidade cafeeira não atingiu uma segunda geração de londrinenses. Ao contrário, como os filhos dessa classe média alta são alienados com coisas relativas à origem de sua condição social:

Ficam no parapeito olhando a cidade espetada de prédios, vendo plantações e vilas longe entre os prédios. O pai diz que, quando tinha

a idade do filho, não havia outros prédios em volta, dali se via um mar de café cercado a cidade.

– Um mar preto, pai?

– Verde, engraçadinho, cafezal para todo lado.

O filho pergunta que fim levou tanto cafezal, e o pai suspira com um gemidinho, dizendo que tudo muda na vida. É verdade, o filho suspira igual. (PELLEGRINI, 1998, p. 8).

Ao contrário de Pellegrini, João Antônio vê a cidade com um olhar muito mais sarcástico. Talvez até por se considerar um forasteiro na terra vermelha e por ter consciência da sua transitoriedade na cidade. Não se sentir com vínculos em Londrina o deixava com liberdade para apontar as feridas mal curadas e bem escondidas da classe “médica” local.

João Antônio nunca suportou a classe média, definindo-a como “médica”, mesmo convivendo com ela e, de certa forma, se comportando como tal. Seu lugar de fala, no entanto, era do favelado que, eventualmente, rompeu a bolha e conseguiu transitar por esse estrato social. Respeitá-la estava bem longe disso. Em palestra proferida na Unesp em 1994, e transcrita, na íntegra, na Revista Bula em 2013, João Antônio explica o seu asco pela classe média, a partir do seu espírito flâneur:

A minha formação foi uma formação realmente rueira. Eu sempre tive certa alergia consciente pelos saberes da classe média. Eu não me dou com classe média, quer dizer, hoje eu sou um pingente da classe média, sou carona. Evidentemente que eu me visto como classe média, moro como classe média, vivo de certa forma uma vida econômica de classe média, mas eu não consigo sentir não é, simpatia que esta talvez nunca vá sentir, mas não consigo sequer sentir um pouco de respeito pelos valores da classe média. É um problema meu, eu fui criado assim, com gente assim, não dá para pensar de outra maneira. (ANTÔNIO, 2013).

Esse asco pela classe média também aconteceu em Londrina. Nos quase cem dias vividos na Capital do Café, em 1975, João Antônio encontrou uma classe emergente e que, por conta da fartura proporcionada principalmente pelo café, se sentia influente mesmo em grandes centros. Num dos últimos contos publicados no jornal *Panorama*, João Antônio descreve uma festa de aniversário, em detalhes, da qual participou como um intruso. No desfecho da história, é convidado a se retirar do apartamento na área central de Londrina. Assim como na palestra proferida na Unesp, João também se sentiu deslocado no aniversário:

Não me sentia em casa. Havia um mal-estar, clima de peso. Não fosse a percussão do samba que os rapazes estudantes faziam, aquilo seria um encontro sem vibração, morninho e bem comportado, desses em que as pessoas não ousam sequer falar alto. Um festival da caretice classe média, o postigo bom tom da mediocridade de costumes importados, empostados. (ANTÔNIO, 2013).

Na narrativa, ele dá nome e endereço de onde aconteceu o episódio (apartamento 102, Edifício Alvorada, da Avenida São Paulo 482), nominando também sua proprietária e desafeta: Lourdes de Moraes. Esse era o estilo de João Antônio, especialmente quando seu nível de paciência tinha se esgotado. Dar “nome aos bois” dessa classe “mórdia” que se achava importante, mas que não passava de escada para os verdadeiros ricos.

Pellegrini também não suportava a classe média, especialmente a do centro da cidade. No seu livro *Notícias da Chácara*, fala, sem tristeza, da sua mudança do quadrilátero central para a periferia da cidade, e muitas vezes usa o sarcasmo para se dirigir a muitos daqueles que tiravam o seu sossego quando morava no calçadão central de Londrina. Em outra crônica publicada no *Jornal de Londrina*, ressalta a hipocrisia da Associação de Damas de Caridade que se reunia para chás em apartamentos luxuosos do centro, muitas vezes com a presença de um ou outro literato para abrilhantar seus encontros. Nesses eventos, realizados supostamente para ativar novas promoções da Associação, o que acontecia de fato era uma reunião social com quase nada de proveitoso.

João Antônio, até pela projeção do seu nome enquanto jornalista e autor emergente, conviveu com algumas figuras emblemáticas de Londrina, que ganharam destaque especial nas suas crônicas. Pioneiros, hoje homenageados com nome de importantes artérias, são descritos como homens de uma conduta nada ilibada em “Os anos loucos de Londrina”.

Figurões da cidade são objetos de críticas irônicas e sarcásticas. Outros, como o pitoresco jornalista João Milanez, são tratados com certa reverência, mas ao mesmo tempo com a picardia que caracterizava o pioneiro do jornalismo impresso londrinense. Milanez é fundador da *Folha de Londrina* e esteve à frente do jornal por mais de quarenta anos, vendendo-o posteriormente para o grupo do então banqueiro José Andrade Vieira. Catarinense de nascimento, o jornalista chegou à Londrina no início dos anos 1940 e, em 13 de novembro de 1948, começou seu jornal. Dono de um vocabulário próprio, Milanez cunhava determinadas expressões que repercutiram na cidade. Uma delas é exatamente o nome da crônica escrita por João Antônio sobre ele: “Desgracido”. A respeito dessa crônica, Moraes

(2005) salienta o quanto o autor foi perspicaz em captar cada detalhe de Milanez como se vê em:

Num espigão do centro de Londrina, defronte ao prédio de esquina da Empresa de Correios e Telégrafos, um pioneiro me é apresentado – João Milanez – com dois pesos ao mesmo tempo. É um pioneiro, um homem dos tempos bravos, heróicos do Norte do Paraná; é um homem conhecido e consagrado dentro do Paraná. Em Londrina, até os postes e as árvores o conhecem, que vem trabalhar a pé, deixando seu apartamento de andar todo (...) Alto, forte, 48 anos, sotaque catarinense carregado na voz cheia, gesticulando com as mãos enormes de dedos longos, nenhum fio de cabelo branco, abotoaduras de ouro nos punhos da camisa social de preço. (ANTÔNIO, 1975, p. 16-19).

João Milanez é um exemplo do comportamento desse estrato social, a classe média alta, com o qual João Antônio tinha uma relação muito complicada. Essa mesma classe “mórdia”, endinheirada graças ao “ouro verde”, é que dava as cartas na política da cidade. Até o final dos anos 1960, essa gente não permitia que quase nenhuma liderança evidentemente popular tivesse uma ascensão a ponto de se tornar vereador ou prefeito. João Antônio trata disso também em seu texto “Os anos loucos de Londrina”, quando menciona a figura de Ângelo Daniel, garçom da zona do meretrício londrinense:

E a zona quase elegeu um vereador. Ângelo Daniel, candidato do Partido Social Trabalhista, garçom da antiga Diana, hoje ainda como garçom do Versailles, em São Paulo, praticamente já estava eleito naquele começo da década de 1950, quando alguns cidadãos bem comportados ou temerosos da terra lembraram-se de botar um freio na situação. Afinal, eleger-se vereador um garçom de bordel poderia ir de encontro ao bom nome da cidade, já falada pela sua devassidão e excessos. Naturalmente debaixo do peso do dinheiro, Ângelo Daniel retirou sua candidatura. (ANTÔNIO, 2012, p. 68).

Aqui outra denúncia contundente contra a classe “mórdia” londrinense. A cidade, que fazia fama internacional com a rota de prostituição advinda do dinheiro do café, controlava a vida das “mulheres de vida fácil”. Agia com a hipocrisia típica da sociedade endinheirada. Registros da história de Londrina contam, por exemplo, que as prostitutas tinham, inclusive, horário para andarem pelas ruas por determinação do delegado de polícia, com aval da Câmara de Vereadores. Esse decreto é mostrado com sarcasmo e crítica tanto no conto supra como nas peças teatrais *Bodas de Café* e *ZYDrina*,

ambas de Nitis Jacon e encenadas pelo grupo *Proteu* na década de 1980, período em que a cidade comemorou seu jubileu de prata.

Décadas antes das putas tristes de Gabriel García Márquez ganharem suas memórias, João Antônio já contava a trajetória das prostitutas, especialmente as ludibriadas pelas cafetinas e pelos barões do café. As profissionais do sexo da região central revelam em seus olhares a não glamourização da chamada “vida fácil” que Londrina viveu na periferia da cidade, onde chácaras luxuosas abrigavam pessoas importantes das mais variadas regiões do Brasil.

Conta-se, por meio de variadas narrativas jornalísticas, o verdadeiro “intercâmbio de profissionais do sexo” estabelecido entre Londrina-São Paulo-Rio de Janeiro. Na crônica esportiva local, correu a notícia de que o goleiro Ado, reserva na Seleção Brasileira na Copa de 1970, teve sua transferência para o Corinthians, condicionada a uma convocação para a Seleção Brasileira, definida durante alguns copos de uísque, divididos entre o então técnico do escrete canarinho, João Saldanha, e o presidente do Londrina, Carlos Antonio Franchello. O fato teria ocorrido durante uma noitada na Nova Diana, boate-prostíbulo, mencionada algumas vezes na crônica de João Antônio, “Os anos loucos de Londrina”.

O texto de João Antônio, talvez até por sua função no Panorama, é uma perfeita simbiose de estilos. É inegável a presença de um texto rico de recursos literários em seus contos. Assonâncias, aliterações e metáforas grandiosas se misturam a técnicas evidentes da linguagem jornalística. O conto “Um dia no cais”, publicado na revista *Realidade*, em 1968, que depois fez parte do livro *Malhação do Judas Carioca*, de 1975, talvez seja o exemplo mais rico dessa imbricação de técnicas literárias e jornalísticas de João Antônio. A crônica “Os anos loucos de Londrina” não é exceção.

O ié-ié-ié grita e as guitarras elétricas esparramam-se pela rua, convidando a entrar. O cabaré come as horas, atraca os corpos, prolifera copos. Os meninos engraxates e os meninos vendedores de amendoim, ativos. Chamam o gringo. Engrolam a língua estrangeira, fazem micagens para apanhar um. As perninhas se mexem nas calças rampeiras, curtas: —Amigo. My friend. Come back! Vivem nos porões imundos com gente carcomida, enfiada lá. (ANTÔNIO, 1975, p. 147).

Histórias de gigoletagem não acabam, multiplicam – se, proliferam. Houve estranhos acordos e conluios neste triunvirato velhaco coronel – mulher – gigolô. Mulherengos empedernidos montaram casas e viveram nelas com três mulheres ao mesmo tempo. Uma dia, aqueles três foram

ao Cine Ouro Verde e, juntas, desentenderam – se, aprontaram um escarcéu e foram presas. Na delegacia, todas se diziam mulher do mesmo homem, um poderoso da cidade. Então, o delegado telefonou ao ricoço, pedindo orientação, explicando, querendo saber o que fazer. Do lado de lá do fio, a resposta veio rente: Bote, todas na cadeia que eu quero ver se me livro um pouco delas. (ANTÔNIO, 2012, p. 71).

No primeiro excerto de “Um dia no cais”, João Antônio usa a técnica jornalística para compor o cenário de cais e caos. As aliterações das palavras nasalizadas fazem uma metáfora sonora com a sirene policial, acrescentando várias sinestesias. O mesmo recurso está presente no segundo excerto de “Os anos loucos de Londrina”. A descrição do que acontece com as prostitutas, próximo da narrativa jornalística policiaisca, é toda marcada por sílabas nasais, quebrando exatamente na fala do coronel.

Esse narrador jornalístico-literário, contudo, não se detém à classe “mórdia”, aos malandros, às prostitutas e aos excluídos que habitam Londrina. João também adentra os corredores e o plenário da Câmara de Vereadores e com sarcasmo, irreverência e linguagem quase cinematográfica nos faz espectadores de uma sessão do legislativo londrinense. É um pequeno show de horrores o que se lê em “Está aberta a sessão”, publicada no jornal *Panorama*:

A sessão da Câmara de Vereadores marcada para as 20 horas começa com 15 minutos de atraso. Extra oficialmente, começou 30 minutos antes da hora atrasada na sacada do Edifício Municipal. Havia conversas à boca pequena e seria maldado ou inconseqüência lhes atribuir a qualidade de conchavos de última hora. Espera-se nos corredores com um mal espírito da bisbilhotice e do humorismo o prosseguimento da briga entre os nobres vereadores Milton Guimarães e Oswaldo Caldarelli que outra coisa não é conforme observadores maldosos senão a disputa da presidência da comissão de saúde. (...) Espera-se também uma denúncia séria de Milton Guimarães sobre a Codel, que está vendendo lotes (datas) de terra pública sem autorização da Câmara. Mais assunto firme: a poluição do Igapó. (...) A verdade é que ninguém está tomando conhecimento de coisa alguma no amplo salão mobiliado com madeira de lei e oferecendo conforto de ar-condicionado, além de água mineral gelada e bons cafés. Há movimento generalizado, conversas laterais, risos, fuma-se muito, fala-se abertamente, enquanto algum ilustre vereador está com a palavra. (ANTÔNIO, 1975, p. 6)

Para entender o sarcasmo de João Antônio nessa crônica, é preciso contextualizar o ambiente e os personagens nela mencionados. O prédio da Câmara Municipal de Londrina, à época, era localizado na região central da cidade, na esquina da rua Santa Catarina com a rua Minas Gerais, onde hoje está instalada uma agência bancária. A menos de cem metros, estavam o Fórum Municipal – onde hoje é a Biblioteca Pública Municipal – e a Sede da Regional de Saúde. Todas essas referências colocam a saúde como próxima ao poder e, portanto, supostamente prioritária para a gestão municipal.

Milton Guimarães e Oswaldo Caldarelli, os vereadores mencionados na crônica, eram profissionais da saúde. Milton era médico, com um perfil de esquerda, filiado ao MDB. Sua campanha eleitoral foi marcada por desfiles do verdadeiro “pavão misterioso” que era o seu carro, um landau, com uma enorme placa colorida com seu nome. Milton nunca conseguiu se eleger vereador. Nas duas vezes que exerceu o cargo, ele assumiu em meios de mandatos de outros vereadores que se elegeram deputados estaduais ou federais. Caldarelli era fiscal sanitário, com um perfil conservador, de direita, filiado à ARENA, e sempre eleito com denúncias de compra de votos. Durante um bom tempo, pairou sobre o edil, suspeitas de corrupção como contrapartida de liberação de licenças sanitárias e, mesmo assim, foi eleito três vezes consecutivas. Milton, mesmo sendo do campo progressista, era um legítimo representante da classe “mórdia”. Caldarelli, ao contrário, era oriundo da periferia com passagens pelo time de futebol da cidade, e conseguiu, via cargos públicos “furar a bolha” e ingressar nessa mesma classe “mórdia”. Também por isso, ambos representavam o asco de João Antônio por determinados setores da sociedade.

Conhecendo esses detalhes, fica mais saborosa a descrição do ambiente feita por João Antônio. Uma “microrrealidade” dos plenários do legislativo nacional, como se vê hoje em dia graças especialmente à internet e à TV. Em 1975, data da crônica, apenas duas das nove emissoras de rádio locais mantinham setoristas na Câmara Municipal além dos dois jornais impressos.

Mesmo usando uma linguagem bem característica do jornalismo político, João Antônio passeia pelo legislativo captando algumas essências que só mesmo quem convive naqueles corredores é capaz de decifrar. Porém, sempre é bom lembrar: o autor viveu muito pouco tempo em Londrina para

assimilar tanto. Isto é outra marca do seu talento diferenciado tanto para o jornalismo como para a literatura.

A experiência de João Antônio *em e com* Londrina é um exemplo de como quantidade e intensidade nem sempre caminham de mãos dadas. Quantidade de dias vividos num lugar ou com uma pessoa não é equivalente à intensidade deles. Viver apenas três meses na Capital do Café foi o suficiente para João Antônio extrair dela crônicas e contos marcantes e um expressivo personagem: Jacarandá. Em todos os seus textos, encontramos um misto de jornalismo e literatura, no qual retratos de Londrina foram descortinados. Muitos dos quais a história e a imprensa “oficial” faziam questão de colocar por baixo do tapete.

Diferente de Pellegrini, as narrativas de João Antônio revelam outra poesia *de e sobre* Londrina. Não a cidade bucólica, tradicionalista, mas sonhadora, e sim uma cidade na qual hipocrisia, arrivismo e pseudomoralismo caminham juntos com a história e com o crescimento da urbe. Suas assonâncias, aliterações e metáforas desnudam Londrina.

Minha experiência com jornalismo e literatura na cidade, desde o período que João Antônio viveu nela, me dá a percepção de que a Londrina de João Antônio é mais palpável, mesmo não sendo mais bonita, do que o lirismo, mesmo em textos políticos, de Pellegrini. Porém, creio que uma visão complementa a outra. As nuvens vermelhas que já foram cantadas por Arrigo Barnabé, outro londrinense, e as quais coloreem o espaço de várias obras de Domingos Pellegrini, também deixaram menos cinza o céu da cidade transcrita, em tons reais, nas crônicas e contos de João Antônio.

O ano de 1975 não foi fácil para Londrina. Por outro lado, foi um ano em que a cidade pôde, sem vergonha, sair do seu casulo e assumir-se como sempre foi. Cosmopolita, universitária, mas reacionária e conservadora. Talvez pela presença e textos de João Antônio, 1975 tenha se tornado um ano mais leve, apesar de todas as tragédias que aconteceram na terra vermelha.

Referências

ANIBAL, Felipe. Londrina de João Antônio: a classe mérdea. *Revista Eletrônica Doc.londrina*, Londrina, PR, fev. 2013. Disponível em: <http://doclondrina.blogspot.com/2013/02/londrina-de-joao-antonio-classe-merdia.html>. Acesso em: 18 dez. 2020

ANTÔNIO, João. *Contos Reunidos*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

- ANTÔNIO, João. Corpo-a-corpo com a vida (Um dia no cais). In: ANTÔNIO, João. *Malhação do Judas carioca*. Rio de Janeiro: Record, 1975a, p. 141-151.
- ANTÔNIO, João. Desgracido, *Panorama*, Londrina, 9 mar, Edição Histórica (Aventura), Ano I, n. 1, p. 16- 19.
- ANTÔNIO, João. Está aberta a sessão. *Panorama*, Londrina, 14 mar, 1975, Ano I, n 6.
- ANTÔNIO, João. Londrina de João Antônio. *Panorama*, Londrina, 9 mar, 1975, Edição Histórica (Cidade), Ano I, n 1, p. 22.
- ANTÔNIO, João. Jacarandá – Ladrão!. *Panorama*, Londrina, Hoje, 17 mar, 1975, Ano I, n 9, p. 13.
- ANTÔNIO, João. Os anos loucos de Londrina. *Revista Helena - Secretaria Estadual de Cultura do Paraná*, Curitiba (PR), n. 1, out. 2012.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. A criança no limiar do labirinto. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Baudelaire, Benjamin e o moderno. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- LEITE, Willian. As confissões de João Antônio. *Revista Bula*. Goiânia, 16 mar. 2009. Disponível em: <https://acervo.revistabula.com/posts/vale-a-penal-de-novo/as-confissoes-de-joao-antonio->. Acesso em: 8 jan. 2021
- MORAES, Renata Ribeiro de. João Antônio e seus pés vermelhos: a atuação do escritor e jornalista no jornal Panorama. *Patrimônio e Memória*, Assis (SP), v. 1, n. 1, p.165-179, 2005.
- PELLEGRINI, Domingos. *Meninos e meninas*. São Paulo: Ática, 1998.
- PELLEGRINI, Domingos. *Negócios de família*. São Paulo: Ática, 1996.
- PELLEGRINI, Domingos. *Os meninos*. São Paulo: Vertente, 1977b.
- PELLEGRINI, Domingos. *Paixões*. São Paulo: Ática, 1984.